

# O Renascimento do Surf

---

Capítulo II

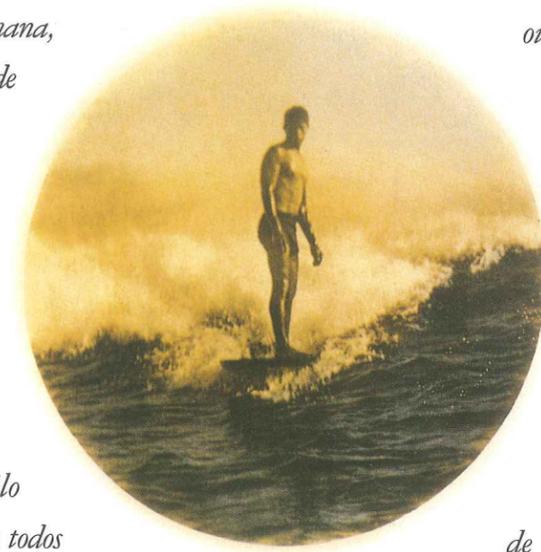
# O Renascimento do Surf

## Capítulo 2 - Renascimento

2

*Já se passou mais de um século desde que esse fantástico movimento que agora começamos a narrar começou a gerar as primeiras células desse novo embrião, que floresceria na terra de seu velho pai. Como vimos anteriormente, o grande pai He'e nalu ("surf" ou "surfista" em polinésio) morreu na virada do outro século!*

*Sucumbiu à insensatez humana, levando consigo os ecos de uma civilização. O que se via agora, nas ilhas havaianas do início do século XX, não podia mais ser considerado o He'e nalu de outrora, epicentro de uma rica cultura, alicerçada naquilo que há de mais sublime em todos nós: a busca do prazer, da felicidade e do equilíbrio na escolha das prioridades da vida. Os antigos He'e nalus sabiam o que era verdadeiramente necessário à sobrevivência, e o que era supérfluo e fruto da ganância humana. Comumente realizavam sábias escolhas: o supérfluo*



*era trocado por intensos momentos na busca da simplicidade reconfortante, geralmente encontrada nos mais singelos atos, tal qual o de deixar-se levar por uma onda... simplesmente deixar-se levar. No início do século XX, a maioria dos poucos He'e nalus deixados nas ilhas surfavam*

*em Kalehuawehe e em alguns outros poucos breaks de*

*Waikiki. Na realidade, já não eram autênticos*

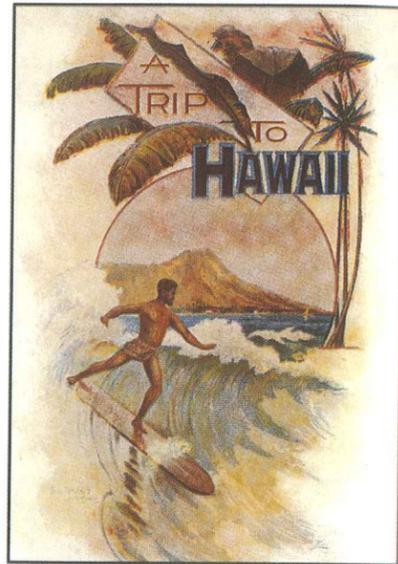
*He'e nalus; era, sim, uma tribo híbrida, metade havaiana, metade anglo-saxã, tateando em busca de uma identidade.*

*Habitantes de um período de transição, do passado recém-terminado ao futuro que se iniciava. Formavam o útero onde o filho de He'e nalu nasceria, forte e saudável. Um movimento totalmente novo, totalmente diferente, porém idêntico em sua essência. Foi assim que o surf voltou ao mundo! Nascia o filho de He'e nalu!*

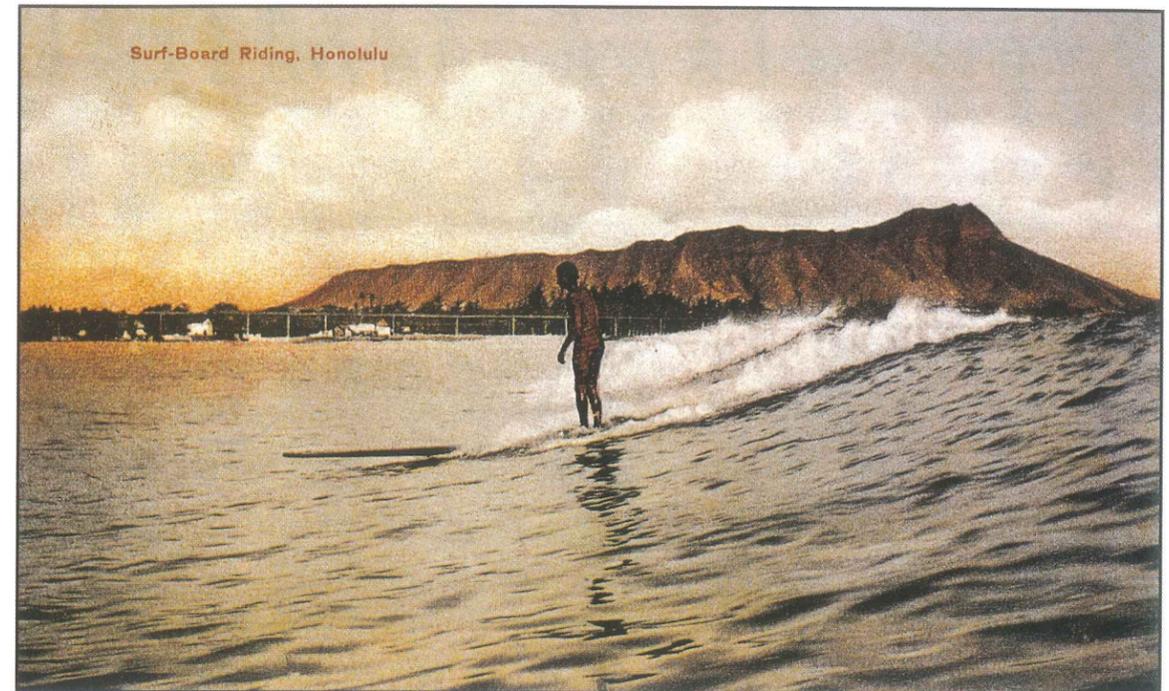
3

# Waikiki, berço do renascimento

Waikiki era um dos pouquíssimos locais onde ainda se encontrava o He'e nalu, que agora passaremos a chamar de surf, devido à influência anglo-saxã. O mar de Maui, Kauai e da pequena Ni'ihau, que no passado fora palco desse esporte-religião, estava praticamente esquecido e abandonado, deixado aos seus verdadeiros locais: os peixes e os corais. A região de Waikiki, talvez pelo fato da proximidade com o grande centro urbano que se formava em Honolulu, tornou-se o quartel general do surf, ou do que sobrou dele<sup>4</sup>. Entretanto, nessa época, já era quase impossível observar uma grande olo board ser conduzida entre os recifes de coral, mas as velhas fotografias nos mostram que durante esse período algumas pranchas semelhantes às



velhas alaias eram construídas e utilizadas nos breaks de Waikiki. Tais pranchas eram semelhantes no seu outline (formato), mas diferiam em muito nos detalhes que outrora caracterizavam uma verdadeira alaiia board. Eram pranchas relativamente pequenas, medindo entre 6 e 7 pés de altura, e algumas polegadas de espessura, mas não eram construídas com o fino acabamento em forma de duplo convexo, como são feitos hoje em dia um dome deck e um v-bottom integral. De fato, a maioria daquelas alaiias não passava de uma placa de madeira rudemente formatada<sup>4</sup>. Os surfistas de Waikiki também eram diferentes dos antigos, a começar pelo número extremamente reduzido, isso



sem falar na técnica propriamente dita, muito inferior à da época de ouro da hegemonia de He'e nalu nas ilhas. O esporte tinha chegado à sua velhice extrema, ou retornado à sua infância. Mas isso de fato pouco importa: se o destino das coisas é ir e vir, ou circular eternamente, sempre se volta para o ponto de partida... A velha dinâmica do taoísmo chinês se mostrava viva novamente, agora se manifestando no renascimento de nosso esporte<sup>18</sup>. Dinâmica que pode ser presenciada nas

mais simples manifestações da natureza, como a de um swell, nascendo, trilhando seu caminho pelos oceanos do mundo, morrendo ao chocar-se contra os continentes, e renascendo em um novo swell. Se caminharmos por terrenos não tão concretos, como os caminhos da espiritualidade do homem, nos surpreenderemos com as inúmeras manifestações cíclicas encontradas nos mais diversos contextos da metafísica: o budismo nos fala do samsara, o ciclo de vida e morte que se repetirá

até que o ser humano descubra sua verdadeira essência e se liberte de seus intermináveis renascimentos<sup>16</sup>; o já comentado taoísmo chinês, que, através de seu mestre Lao-Tsé, enfoca a complementaridade dos opostos; ou, ainda, Helena Petrovna Blavatsky, a principal mentora do pensamento teosófico, que foi muito além, comentando que nosso próprio universo nasce e morre de forma rotineira. Essas seriam as noites e os dias de "Deus", conhecidos como Pralaia e Mavantaras<sup>2</sup>. Num terreno muito menos especulativo, podemos estender esse conceito para tentar compreender a ascensão e a queda dos grandes impérios e de suas respectivas culturas. No caso do Havaí, uma linda cultura nasceu, floresceu e teve o seu declínio natural. Hoje, os resíduos dessa cultura ecoam e estabelecem uma subcultura muito forte em nossa sociedade. Por subcultura, visualize um grupo com características sociais, econômicas, étnicas ou quaisquer outras suficientemente distintas para os distinguir de outros elementos da mesma cultura ou sociedade. Inúmeras foram as pessoas responsáveis por esse renascimento... Essa história iniciou-se há mais

de um século... Durante o século XIX, alguns haoles aprenderam a surfar, muito embora o grande escritor americano Mark Twain, durante sua visita ao Havaí em 1860, tenha afirmado: "Ninguém, a não ser os nativos havaianos, é capaz de dominar a arte do surf completamente<sup>18</sup>". Durante muito tempo, esse mito sobreviveu nas ilhas havaianas e pelo mundo afora. Um mito nascido para alimentar nossa necessidade de crer na existência de heróis. Como já afirmava Carl Gustav Jung, a atribuição essencial do mito heróico é desenvolver no indivíduo a consciência de seu ego, suas próprias forças e suas fraquezas inerentes<sup>8</sup>. Entretanto, por incrível que possa parecer, grande parte dos primeiros lampejos da ressurreição surfística do século XX foram fruto das ações de alguns haoles apaixonados, moradores de Waikiki<sup>4</sup>. E como já dizia um aluno recém-graduado no Beloit College em 1996: "Se formos ignorantes do nosso passado, se formos indiferentes à nossa história e às pessoas que tanto fizeram por nós, não estaremos sendo apenas estúpidos, mas estaremos sendo rudes<sup>22</sup>".

## Do Havaí para a Califórnia

Entre esses intrépidos haoles estava George Freeth, um jovem irlandês de 23 anos de idade que fixou residência permanente nas ilhas e se tornou um dos melhores surfistas de todo o arquipélago.

Freeth era professor de surf nas ilhas e um dos responsáveis pela divulgação desse esporte para além das fronteiras havaianas. Em 1907, George Freeth foi convidado por Henry Huntington para fazer uma demonstração de surf em Redondo Beach, na Califórnia. Essa demonstração fazia parte de um plano de marketing destinado a promover a estrada de ferro Los Angeles-Redondo Beach. Na época os jornais publicaram a seguinte manchete: "George Freeth, o homem que pode andar sobre a água<sup>4,9,21</sup>!" Centenas de pessoas se amontaram na praia para ver a demonstração de



Freeth, que logo depois ainda ministrou aulas de surf para alguns interessados. Após a sua partida, a semente do surf californiano imediatamente começou a germinar, e pequenas colônias de sur-

fistas começaram a habitar as praias da região. George Freeth foi um surfista mitológico em sua época. Alguns de seus feitos se tornaram lendários. Em dezembro de 1908, por exemplo, durante uma enorme tempestade ocorrida na baía de Santa Monica, Freeth resgatou sozinho sete pescadores japoneses durante três sucessivas entradas nas águas gelidas e bravias dessa região. Por esse feito, foi condecorado com a Carnegie Medal, um prêmio em honra à sua bravura, determinação e habilidade<sup>4</sup>! Mas, muitos anos antes de Freeth divulgar o surf em águas californianas, três verdadeiros príncipes



*havaianos deram inúmeras demonstrações daquilo que era o surf primitivo. Isso aconteceu em 1885, quando Jonah Kubio Kalaniana'ole, David Kawananakoa e Edward Keli'iahonui estudavam na St. Matthew's Military School, em San Mateo, Califórnia. Esses garotos eram sobrinhos da rainha Kapi'olani, esposa do último rei havaiano, David Kalakaua, e ganharam sobrenomes diferentes para homenagear antigos predecessores familiares. Durante todo aquele*



*verão, os pequenos príncipes encantaram os poucos que tiveram a sorte de vê-los deslizar sobre as ondas na boca do rio San Lorenzo. Mas esses pequeninos príncipes estavam anos à frente de suas testemunhas oculares, pois, mesmo atônitos com o que presenciaram, nenhum californiano foi corajoso o suficiente para seguir o exemplo dado por eles, e a epidemia surfística teve que esperar mais alguns anos até contaminar outros continentes<sup>4,9,21</sup>*

## Os precursores

*O príncipe Kubio foi durante toda a sua vida um grande aficionado pelas tradições marítimas havaianas. Como vimos no primeiro capítulo, uma das últimas pranchas olo mantidas no Bishop Museum era remanescente de sua coleção particular. Era dele, ainda, uma linda canoa havaiana de nome Princess, muito famosa por ter sido exaustivamente fotografada nas praias de Waikiki. Um fato curioso é que o jovem Jonah Kubio Kalaniana'ole anos mais tarde veio a se tornar delegado do Havaí no Congresso Americano, logo depois que os Estados Unidos anexaram as ilhas ao seu território, em 1898<sup>4,7</sup>. Também muito proeminente nesse novo movimento foi Alexander Hume Ford. Ford, na época um haole completamente envolvido e apaixonado por esse esporte, dava aulas de surf para jovens em Waikiki, e em 1907 teve a oportunidade de ministrar aulas para Jack London<sup>4</sup>. Nessa ocasião, Jack London, cujo nome verdadeiro era John Griffith Chaney, começava a fixar-se como um dos ícones de referência na literatura americana, sendo um dos mais vigorosos cultores do*



*realismo narrativo<sup>13</sup>. London, juntamente com sua esposa Charmian, participaram de um cruzeiro a bordo de um veleiro chamado The Snark, e graças a isso apor-*

*taram no Havaí, onde ficaram por algumas semanas<sup>4</sup>. London e Charmian produziram muitos textos versando sobre a beleza do surf<sup>10,11,12</sup>, e sem sombra de dúvida colaboraram muito para a divulgação de nosso esporte pelo mundo afora. Nessa época, Jack London escreveu um artigo repleto de sentimentos passionais sobre o surf. Esse texto foi publicado primeiramente na National American Magazine, e posteriormente em seu livro The Cruise of The Snark, e recebeu*

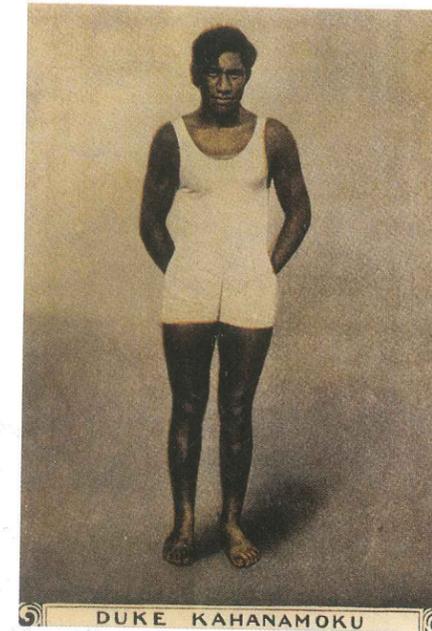
o título de "A Royal Sport" ("Um esporte real"). Até hoje, se lido por um leitor que consiga situar-se no tempo e no espaço, essa narrativa pode ser considerada a mais bela já feita sobre nosso esporte. É patente o envolvimento emocional de London com o surf, e sua habilidade como narrador foi um dos grandes trunfos que teve ao retratar com tanta veemência os viscerais sentimentos produzidos por suas experiências surfísticas na praia de Waikiki. "A Royal Sport" deve ser lido por todos nós, surfistas, pois faz parte integrante de nosso DNA cultural, além de nos conduzir aos aspectos mais primitivos de nossos sentimentos... Uma verdadeira obra de arte fundamentada na paixão<sup>4,11</sup>. Outro passo crucial no ressurgimento do surf foi a fundação do The Hawaiian Outrigger Surf and Canoe Club. Esse clube iniciou suas atividades em 1908, depois que Freeth e Ford arrendaram um acre (4.000 m<sup>2</sup>) de praia em Waikiki<sup>1,4,5,9,17,21</sup>. Seu principal objetivo era tornar-se a primeira organização mundial com a missão de perpetuar as tradições marítimas havaianas. De fato, a idéia teve boa repercussão, e dentre as

benfeitorias geradas pelo clube, podemos destacar a enorme facilidade que seus associados encontravam na guarda de suas pranchas, na troca de roupas visando a prática do surf e na participação de eventos esportivos organizados por essa entidade. Em 1915, ano que marcou o retorno de Jack London ao Havaí, o clube tinha nada mais, nada menos do que 1.200 associados, com centenas de outros, ansiosos, na lista de espera<sup>4</sup>! É extremamente interessante atentar para o fato de que nessa época uma enorme quantidade de executivos, juizes e até ex-governadores das ilhas havaianas participaram ativamente das atividades desse clube<sup>4</sup>! O surf renascia sem os preconceitos e os estereótipos agregados a ele na época dos missionários europeus. Esse fato nos remete novamente à noção cíclica dos acontecimentos em nosso mundo: no início, o surf era cultura e bem aceito socialmente; os brancos o descredenciaram e o levaram à beira da extinção; os mesmos brancos lutaram por seu renascimento e enterraram seus estereótipos; e esse equilíbrio dinâmico entre o sagrado e o profano parece estar longe do fim, se é que um dia terá.

# Duke Kahanamoku

Em 1911, um outro clube de extrema relevância na história do surf foi fundado no Havaí: The Hui Nalu (Surf Club). Embora existisse informalmente desde 1905, foi somente em 1911 que obteve sua legitimação, quando passou a ser oficialmente um clube de surf apenas para havaianos. A criação do Hui Nalu foi importante para o surf, pois criou um clima de competitividade amistosa entre os dois clubes, incentivando o crescimento de ambos<sup>1,4,9</sup>. Além disso, os havaianos iniciaram, mesmo que modestamente, um movimento de resgate e de identidade que perdura até os dias de hoje, como vimos no término do capítulo 1. Um dos integrantes mais famosos do Hui Nalu foi também o surfista mais influente do século passado<sup>17</sup>: Duke Paoa Kahinu Makoe Hulikohoa Kahanamoku, ou simplesmente Duke. Esse havaiano de sangue

real nasceu em 24 de agosto de 1890, em Haleakala, na ilha de Maui. Seu pai foi Duke Halapu Kahanamoku e sua mãe chamava-se Julia Paakania Lonokahini<sup>1,4,9,14,21</sup>.



Recebeu esse nome em homenagem ao duque de Edimburgo, filho da rainha Vitória, da Grã-Bretanha, que naquela mesma data visitava o Havaí<sup>4,14</sup>. Segundo relatos, Duke não foi um bebê bonito, devido à desproporção entre a cabeça muito grande e o corpo pequenino. O menino também ostentava braços muito longos em relação ao corpo<sup>14</sup>.

Entretanto, com o passar do tempo, essas características conferiram ao pequeno príncipe uma beleza exótica, além de ajudá-lo a ser um dos maiores nadadores de todos os tempos, como veremos em breve. Duke era um dos poucos habitantes das ilhas que ainda carregava em seu sangue o DNA de uma linhagem



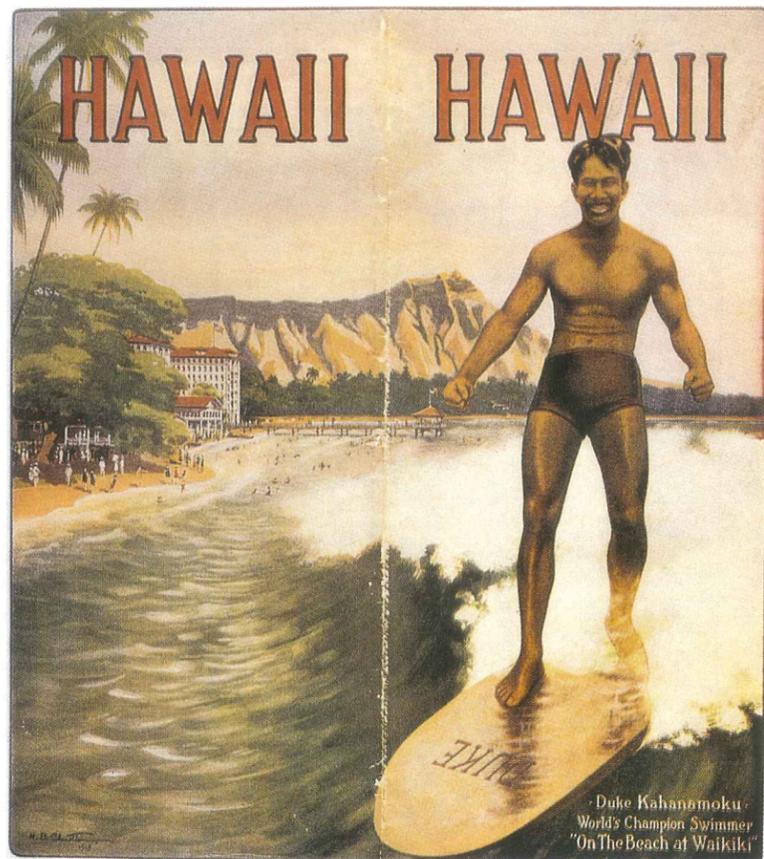
nobre havaiana, e começou a se interessar por surf no ano de 1898, quando a maioria já acreditava que esse esporte era uma arte perdida<sup>21</sup>. Sobre esse período, Duke comentou já em sua velhice: "Eu tinha 8 anos de idade quando comecei a praticar na praia de Waikiki. Isso foi há muito tempo atrás. Nós não tínhamos mais ninguém para nos ensinar. Aprendemos tudo sozinhos<sup>21</sup>". Duke e seus irmãos foram ícones da praia de

Waikiki, e juntos venceram inúmeros campeonatos de surf e canoa havaiana disputados entre os clubes locais<sup>1,4,9,14,21</sup>. Ao analisarmos a vida de um menino de sangue real polinésio, como o menino Duke, não podemos perder de vista a realidade da sociedade havaiana naquele período. Os nativos eram a minoria; os haoles detinham o poder econômico devido ao monopólio do açúcar plantado nas ilhas, e ao incremento do turismo no

arquipélago. O sangue real não era um diferencial muito representativo na hora de conseguir emprego. A vida para Duke, assim como para seus irmãos e amigos havaianos, era bem difícil em termos financeiros; logo, essa "turminha" ganhava a vida dando aulas de surf e natação no Moana Hotel. Praia o dia todo, diversão garantida, romances furtivos e pouca grana: ganhava-se mal, brincava-se bastante, tocava-se a vida no balanço do mar...<sup>21</sup>. Entretanto, as perspectivas para um futuro ao menos decente eram mínimas, pois as oportunidades para os antigos "donos das ilhas" eram cada vez mais incertas, escassas e improváveis. A sorte de Duke começou a mudar quando ele completou 21 anos. Nessa época, Duke, além de dar aulas de surf, fazia alguns trabalhos menores em navios atracados no porto de



Honolulu. Esse foi o período de realização do primeiro torneio amador de natação nas ilhas havaianas. Incentivado por seus companheiros de praia, Duke participou do evento e, mesmo sem nunca antes ter treinado natação de forma metódica e orientada, e sem experiência alguma em competições desse gênero, bateu os recordes mundiais das 100 e 50 jardas no estilo livre<sup>1,4,9,14,21</sup>! Esse fato atualmente pode ser melhor compreendido ao analisarmos os recentes trabalhos científicos que pesquisaram o perfil fisiológico dos surfistas. A maioria dos surfistas profissionais apresenta uma capacidade aeróbia (ou seja, a capacidade que temos de consumir oxigênio) que é quase o dobro da apresentada por pessoas saudáveis, da mesma faixa etária, porém sedentárias<sup>3</sup>. Nós, surfistas, somos movidos pelo prazer que o esporte



nos proporciona! Passamos inúmeras horas na água, remando e nos esforçando na busca de nossa diversão. Não almejamos a quebra de recordes nem a maior velocidade, somente a próxima onda. Essa busca de prazer nos ofusca o esforço despendido. Na época de Duke, em que a técnica de nado ainda não estava tão evoluída, isso foi um



grande diferencial em seu sucesso. Um grande nadador que nunca tinha nadado, mas que tinha dado ao seu corpo a chance de tornar-se saudável na medida em que se divertia com seus amigos em seu playground oceânico. Esse feito de Duke chamou a atenção de um extraordinário treinador de natação chamado Syd Cavil, e em 1911



Duke rumou para a Califórnia, mais precisamente para o Clube Olímpico de San Francisco. Lá, sob a égide de Cavil, Duke treinou junto com a equipe americana de natação visando os Jogos Olímpicos de Estocolmo, na Suécia, em 1912. Chegando lá, Kahanamoku impactou a todos. Não somente venceu os 100 metros livres com larga vantagem, como também igualou o recorde mundial de 1'02"4 do alemão Kurt Bretting em uma das eliminatórias! Além disso, ficou com a prata nos 4 x 200 metros livres. O mito estava criado! Um príncipe havaiano, exótico, simpático e enigmático era o nadador mais rápido do planeta! Os olhos do mundo voltavam-se para ele e, conseqüentemente, para o esplendor de sua terra e de sua cultura. Enfim, o surf poderia ter uma chance...

Jogos Olímpicos de Estocolmo – Suécia, 1912

Prova – 100 metros livres, homens

Data da final – 10 de julho

Países participantes – 12

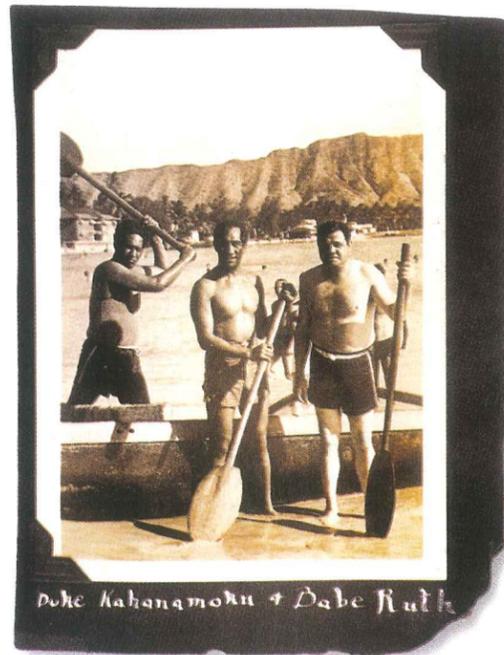
Atletas inscritos – 34

### Resultado final:

Nome	País	Tempo
1 - Duke Paoa Kahanamoku	USA	1'03"4
2 - Cecil Healy	AUS	1'04"6
3 - Kenneth Huszagh	USA	1'05"6
4 - Kurt Bretting	GER	1'05"8
5 - Walter Ramme	GER	1'06"4

A vida de Duke, a partir de então, foi catapultada para a glória e para todos os tipos de bajulações possíveis e imagináveis. De certa forma, foi um período bastante interessante para o príncipe. Depois das Olimpíadas, Duke passou alguns meses viajando pela Europa e pela América. Participou de homenagens e festas, foi condecorado e admirado, mas também começou a enxergar algo que nunca tinha visto ou vivido enquanto morava na segurança de suas ilhas do Pacífico: o racismo. A cor de sua pele foi a protagonista de tristes episódios de cunho dis-

criminatório, acontecidos em restaurantes e hotéis, onde era tratado como negro ou indiano, duas etnias bem discriminadas naquela época<sup>21</sup>. Assim que voltou ao Havaí, foi recebido como herói. Entretanto, passado o período de maior euforia, Duke percebeu que os problemas de sobrevivência continuavam. A enorme dificuldade de encontrar trabalho o impelia, juntamente com seus amigos havaianos, para trabalhos servis e mal remunerados. O príncipe campeão olímpico ainda era o velho rato de praia que fazia bicos como estivador, medidor de relógios de água, gás e eletricidade<sup>21</sup>. Porém, o governo havaiano, percebendo que a imagem de Duke estava fortemente atrelada à imagem do próprio arquipélago havaiano e toda a sua magia, concedeu ao príncipe a possibilidade de trabalhar como anfitrião da cidade de Honolulu, atividade que Duke



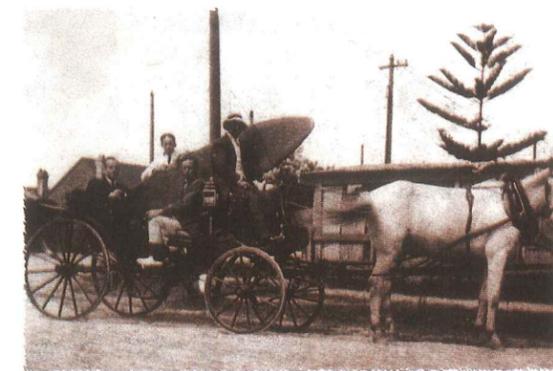
cumpriu com esmero até o final de sua vida. Babe Ruth, Shirley Temple, Mickey Rooney, Groucho Marx, o príncipe Edward, Arthur Godfrey e o presidente Kennedy foram apenas algumas das inúmeras celebridades que tiveram o privilégio e o prazer de receber a graciosidade e o espírito aloha desse simpático filho das ilhas<sup>21</sup>. Durante sua vida, Duke ainda teve pe-

quenas participações no cinema. Seus papéis eram geralmente pequenas pontas, onde representava ora um chefe indiano, ora um criado leal e exótico. Suas participações foram motivadas tanto pelo seu carisma quanto pelas suas feições exóticas, e embora não tenha se tornado um grande ator, suas atuações ao menos não deixaram a desejar, além de o terem ajudado em sua sobrevivência naqueles tempos difíceis<sup>21</sup>.

## Duke na Austrália

Talvez o fato mais marcante da carreira de Duke como embaixador da cultura havaiana e, consequentemente do surf, tenha sido a sua visita à Austrália, em 1914.

Duke foi convidado pela Associação de Natação de Nova Gales do Sul a participar de um evento esportivo chamado 33-Race Swimming Tour. Era a primeira vez que a Austrália recebia um campeão olímpico, e a



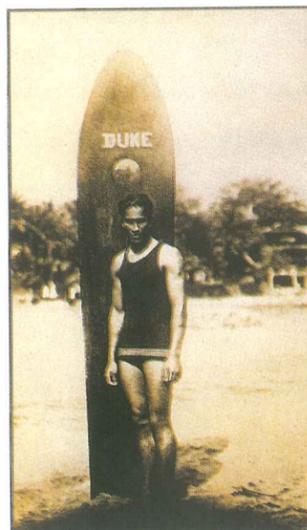
expectativa era intensa. Kahanamoku chegou a Sydney no dia 14 de dezembro, e imediatamente solicitou aos organizadores do evento a possibilidade de realizar demonstrações de seu esporte favorito, o surf. A data da exibição foi logo marcada para o dia 23 de dezembro, e o local escolhido foi a praia de Freshwater, ao norte de Sydney<sup>1,4,9,14,21</sup>. Os dias que antecederam a demonstração foram de muita expectativa, pois a

imprensa se empenhou em divulgar tal fato. O jornal The Sydney Referee foi um dos principais envolvidos no feito de Duke, e suas manchetes refe-

riam-se ao príncipe como sendo maravilhosamente hábil em uma arte ainda não dominada pelos australianos<sup>21</sup>. No dia 23, uma quarta-feira, às 10 horas da manhã, Kahanamoku viria a plantar a

semente do surf australiano, exibindo a arte de andar sobre as ondas para um público estimado em centenas de pessoas. Entre elas, encontrava-se um pequeno menino de nome Claude West. Alguns anos mais tarde, quando questionado a respeito do que tinha sentido no momento da demonstração de Duke, Claude utilizou-se de frases comumente usadas pelas pessoas para expressar suas convicções religiosas<sup>21</sup>. Talvez seja

possível, se nos esforçarmos um pouco, visualizarmos o semblante dessa criança expressando um misto de excitação e incredulidade frente ao que observava da segurança da praia<sup>21</sup>. É bem provável que nosso príncipe tenha habitado as fantasias e o imaginário do pequeno Claude, talvez até convertendo-se em um semideus, como os antigos kupuas havaianos. Kabanamoku despendeu ao menos



uma hora nessa sua primeira demonstração. Mais tarde, depois de ser aclamado pelo público presente, solicitou uma parceira para a prática do surf em duplas, o tandem. Uma pequena nadadora australiana de nome Isabel Letham foi a escolhida, e depois de algumas tentativas frustradas pelo seu medo e sua insegurança, ela entregou sua confiança ao príncipe e divertiu-se bastante, além de entrar para a história do surf australiano e mundial<sup>21</sup>. A turnê australiana de Duke continuaria até janeiro de 1915. Antes de partir, Duke visitou uma praia conhecida como Sydney's Dee Why Beach, e lá, jun-

tamente com Isabel Letham, deu mais demonstrações de surf. Como não poderia deixar de ser, o pequeno Claude novamente o apreciava da areia, quando algo mágico aconteceu. Ao término da demonstração, o príncipe caminhou até o menino e o presenteou com seu brinquedo! A prancha de Duke foi parar nas mãos de Claude West! Um pequeno feito, um ato de carinho que quase pas-

sou despercebido para a maioria das pessoas. Entretanto, talvez esse tenha sido o dia mais feliz da vida de Claude. Alguns anos mais tarde, ele se tornaria o primeiro campeão de surf da incrível dinastia australiana! Um príncipe, uma terra distante, uma prancha feita de madeira, os sonhos de uma criança... Nada muito requintado, nenhuma produção milionária... apenas um roteiro bem escrito pelos deuses do surf... Um roteiro pautado na simplicidade e na generosidade. Talvez um dos mais belos capítulos desse vasto filme, que nós, da Alma Surf, estamos muito modestamente tentando reproduzir...

## Um atleta olímpico

A carreira de Duke foi ainda mais longe, pois o príncipe conquistou outras medalhas olímpicas! Ouro nos 100 metros livres e nos 4 x 200 metros livres nos Jogos Olímpicos de Antuérpia, na Bélgica; prata nos 100 metros livres nos Jogos de Paris, na França; e bronze, aos 42 anos de idade, pela participação na equipe americana de pólo aquático nas Olimpíadas de Los Angeles, Estados Unidos!

### Jogos Olímpicos de Antuérpia – Bélgica, 1920

Prova – 100 metros livres, homens

Data da final – 29 de agosto

Países participantes – 15

Atletas inscritos – 33

#### Resultado final:

Nome	País	Tempo
1 - Duke Paoa Kahanamoku	USA	1'01"4
2 - Pua Kela Kealoha	USA	1'02"6
<i>(pupilo de Duke)</i>		
3 - William Herris	USA	1'03"0
4 - William Herald	AUS	1'03"8
5 - George Vernot	CAN	

### Jogos Olímpicos de Paris – França, 1924

Prova – 100 metros livres, homens

Data da final – 20 de julho

Países participantes – 15

Atletas inscritos – 30

#### Resultado final:

Nome	País	Tempo
1 - Johnny Weissmuller	USA	59"0
2 - Duke Paoa Kahanamoku	USA	1'01"4
3 - Samuel Kahanamoku	USA	1'01"8
<i>(irmão de Duke)</i>		
4 - Arne Borg	SWE	1'02"0
5 - Katsuo Takaishi	JPN	1'03"0
6 - Ovar Trolle	SWE	

Apesar da glória de Duke, e de sua importância para nosso esporte, sua velhice não foi das mais dignas. Em 1961, em uma pequena reportagem concedida ao jornal Honolulu Star-Bulletin, o príncipe, agora em seus 71 anos de idade, confienciava em tom triste: "Tenho estado apenas tocando a vida... sobrevivendo". Duke partiu em 1968, com 77 anos de idade. Um ataque cardíaco o vitimou no Iate Clube de Waikiki. O homem

que foi responsável pelo renascimento das grandes pranchas de surf abandonava a velha terra de He'e nalu no momento em que o mundo presenciava novamente a morte dos velhos longboards e o nascimento das minimodels, a mais devastadora revolução de nosso esporte desde o início do século XX. A eterna roda da vida e da morte continuava seu giro.

## Cronologia da vida de Duke<sup>17</sup>

1890 – Nascimento de Duke.

1904 – Matricula-se na Kamehameha School.

1910 – Reintroduz grandes pranchas de surf com mais de 10 pés de comprimento.

1911 – Bate 3 recordes mundiais no campeonato mundial amador de natação, em Honolulu.

1912 – Ganha o ouro olímpico nos 100 metros livres e prata nos 4 x 200 livres (Estocolmo, Suécia).

1913 – Introduz o surf na costa leste dos EUA.

1914/1915 – Leva o surf para a Austrália e a Nova Zelândia.

1915/1932 – Ajuda a popularizar o surf e a natação nos EUA.

1920 – Ganha novamente o ouro olímpico nas Olimpíadas de Antuérpia (Bélgica), agora nos 100 metros livres e nos 4 x 200 metros livres.

1924 – Ganha a medalha de prata nos 100 metros livres das Olimpíadas de Paris (França).

1922/1930 – Participa em mais de 30 filmes da indústria cinematográfica californiana.

1925 – Ganha reconhecimento nacional ao participar de um grande salvamento náutico na entrada do porto de Newport.

1929 ou 1930 – Testemunhas relatam que Duke teria pego uma onda cuja extensão ultrapassaria um milha náutica. O fato teria ocorrido em Waikiki.

1932 – Ganha a medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, por sua participação na equipe americana de pólo aquático. Duke tinha 42 anos nessa época!

1934 – Eleito xerife de Honolulu. Reeleito por mais doze vezes.

1940 – Casa-se com Nadine Alexander na Big Island.

1956 – Viaja para os Jogos Olímpicos de Melbourne, na Austrália, como representante oficial dos EUA.

1960 – Indicado embaixador do Havaí. O verdadeiro representante do espírito aloha.

1963 – Viaja mais uma vez para a Austrália, dessa vez para julgar eventos de surf e canoas.

1964 – Homenageado nas Olimpíadas de Tóquio (Japão).

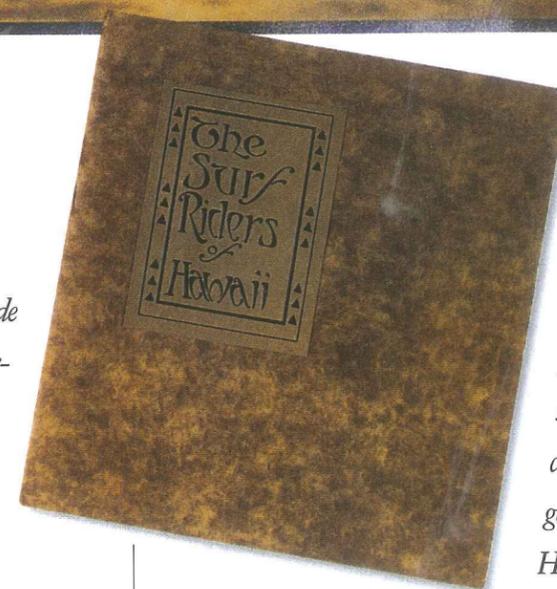
1965 – Acontece o primeiro evento de surf em sua homenagem – The Duke Kahanamoku Invitational Surf –, realizado em Sunset Beach, Oahu, Havaí.

1968 – Falece vítima de ataque cardíaco.



## Um sorriso para a vida

Ford, Freeth, London e uma infirmitade de outros meninos foram extremamente importantes para o renascimento do nosso esporte. Não tiveram a sorte de Duke, pois nosso príncipe esteve presente na hora certa, no local certo, e teve também a atitude mais apropriada para aquele momento mágico. Teve sorte e esperteza ao se utilizar da natação e da glória olímpica para disseminar pelo mundo afora seu esporte preferido, juntamente com os resíduos de sua rica cultura. Alavancou o filho de He'e nalu para a glória



futura e presenteou-nos com sua angelical graça. Hoje, vivemos um momento totalmente distinto: em vez de pranchas de madeira, temos espuma e fibra de vidro; em vez de apostas entre vilas, competições entre clubes e nações; em vez de porcos e canoas de guerra como prêmio, alguns milhares



*de dólares; em vez de reis, mitos gerados pelos meios de comunicação. Porém, quanto mais algo muda, mais continua imutável, ao menos na sua essência... E a essência do surf sempre foi e sempre será o sorriso! Aquele mesmo sorriso da criança polinésia 3.000 anos atrás, descendo uma onda com sua paipo de madeira, ou o sorriso do pequeno Claude West, ao receber das mãos de Duke o seu brinquedo mágico. E, por que não, o seu próprio sorriso, caro amigo leitor, ao perceber que já é sexta-feira e a internet lhe prometeu um lindo swell para este final de semana. O que você está esperando? Sorria! Você tem sorte! Você é um surfista!*



## Referências bibliográficas

- 1 – Blackburn, Mark. Surf's Up – Collecting the Longboard Era. Schiffer Publishing, 2001.
- 2 – Blavatsky, Helena Petrovna. A doutrina secreta – v. 1. Cosmogênese. Ed. Pensamento. São Paulo, 1973.
- 3 – Danucalov, M. A. D. (Marcello Árias); Lauro, F. A. A. (Flávio Ascânio); Andrade, M. S.; Pacheco, F. B. M.; Piçarro, I. C.; Silva, A. C. "Peak Oxygen Uptake in Brazilian Professional Surfers". In: Annual Meeting of American College of Sports Medicine, 48, 2001. Abstracts, Baltimore, Maryland (Abstract 1378). Med. Sci. Sports Exerc., 33 (5), 2001. (Suppl.)
- 4 – Finney, Ben & Houston, James D. Surfing, A History of Ancient Hawaiian Sport. Pomegranate Artbooks. San Francisco, 1995.
- 5 – Ford, Alexander Hume. "Riding the Surf in Hawaii". Collier's National Weekly, 42:17, 1909.
- 6 – Ford, Alexander Hume. "Out-door Allurements". Thrum's Hawaiian Annual, 143-149, 1911.
- 7 – Guia Visual, Folha de S. Paulo. Havaí. Principais colaboradores: Bonnie Friedman e Paul Wood. Dorling Kindersley, Londres, Nova York, Sydney, Moscou, Nova Délbi, Paris, Joanesburgo.
- 8 – Jung, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1964.
- 9 – Kampion, Drew & Brown, Bruce. Stoked – uma história da cultura do surf. Benedikt Taschen Verlag GmbH. First published by General Publishing Group, Inc. Los Angeles, 1998.
- 10 – London, Charmian. Our Hawaii. New York: Macmillan, 1922.
- 11 – London, Jack. The Cruise of the Snark. New York: Macmillan, 1911.
- 12 – London, Jack. "My Hawaiian Aloha", as a preface to Our Hawaii, by Charmian London. New York: Macmillan, 1922.
- 13 – London, Jack. Caninos brancos. Martin Claret. São Paulo, 2001.
- 14 – Lancellotti, Silvio. Olimpíadas 100 anos – história completa dos jogos. Círculo do Livro, Nova Cultural. São Paulo, 1996.
- 15 – Noll, Greg & Gabbard, Andrea. Da Bull – Live over the Edge. North Atlantic Books. Berkeley, California, 1989.
- 16 – Silva, Georges & Homenko, Rita. Budismo: psicologia do autoconhecimento. Ed. Pensamento. São Paulo, 1998.
- 17 – "The 25 Most Influential Surfers of All Time". Surfer Magazine – 40th Anniversary, 40:10. October, 1999.
- 18 – Tsé, Lao. Tao Te King. Tradução e notas, Huberto Robden. Alvorada. São Paulo, 1985.
- 19 – Twain, Mark. Roughing It. Chicago: F. G. Gilman, 1872.
- 20 – Twain, Mark. As aventuras de Tom Sawyer. Martin Claret. São Paulo, 2001.
- 21 – Warsaw, Matt. Surfriders – In Search of the Perfect Wave. Surfer Magazine. Collins Publishers, 1997.
- 22 – McArdle, William D.; Katch, Frank I.; Katch, Victor L. Nutrição para o desporto e o exercício. Guanabara/Koogan. Rio de Janeiro, 2001.

Por Marcello Árias

# Alma Surf

Encarte integrante da edição #9 da revista ALMA SURF. Não pode ser vendido separadamente.